



Eixo Temático: Eixo 1: Paulo Freire: Educação Popular (experiências, espaços e sujeitos diversos).

Sala: 1

Mediador/a: Fernanda dos Santos Paulo (AEPPA).

CARTA RELATÓRIO

Agostinho da Silva Rosas¹

Hoje, dia 20 de maio, antes mesmo das 8h30 iniciamos os trabalhos sob a batuta mediadora de Fernanda Paulo. Fomos sendo orquestrados, uma a um a nos apresentarmos ao coletivo. Nossos nomes, de onde falávamos, um tanto de informações compartilhadas. Quando cheguei as conversas já tinham sido iniciadas e logo fui convidado a dizer de mim.

Eram 8h30 quando traçamos a rota a andarilhar. Decidimos que os trabalhos seriam apresentados em grupos de três seguidos de um tempo para nossas conversas alinhando pronúncia as várias escutas. Inquietações, dúvidas, comentários ganhando expressam sob a forma de argumentos.

Estávamos todas e todos, presentes. Contamos com a participação de Isabela Camini ouvindo as falas. A primeira a discorrer sobre seus quefazeres foi Vanessa Salete. Em parceria com Fernanda Paulo abordou a temática **Educação não escolar e educação popular** sob a condição de um resumo. Convidam-nos a pensar a relação entre educação não escolar e popular situando o contexto educacional por expressões assinaladas por Maria Gonh, educação informal, formal, não formal. Sua palavra busca explicar a ação não formal em educação enquanto condição complementar para a educação formal. Esta última condicionada por rigor metódico com que as práticas pedagógicas se encontram nos argumentos político-filosóficos da escolarização, centradas nas metas, objetivos, conteúdos,

¹Com a função de escrever o relato das atividades desenvolvidas na ocasião das apresentações dos trabalhos selecionados para o Eixo 1, dia 20 de maio de 2022, das 8h30 às 12h.



avaliação fundamentalmente organizadas em um currículo. De outro lado, educação não escolar, aquela que se revela na ação não formal de educação, que se organiza por conotações lúdicas, esportivas, de música dedicadas aos valores de arte e cultura. Com Maria Gohn Vanessa Pescador denota características de cidadania, justiça social dirigidas à democracia. Fala de educação se opondo aos modelos de discriminação, de desrespeito aos direitos. Ao mesmo tempo faz contraposição ao discorrer sobre diferentes modelos de educação evidenciando que há sinais semelhantes no âmbito da educação formal. Se sustenta em Fernanda Paulo e Nádya Fuhrmann para refletir acerca da educação não escolar em perspectiva da educação social, da educação não formal e da educação informal. Vai discorrer sobre educação não escolar orientada à prática em educação popular, no entanto ressalta que nem sempre significa que se expresse enquanto educação popular mediada por argumentos da educação emancipadora, com Paulo Freire. Finaliza afirmando que a educação não escolar situada por educação popular freireana exige da ação pedagógica atitude de resistência no enfrentamento contra a opressão, a luta por emancipação humana.

Na continuidade, Agostinho Rosas apresenta uma carta denominada **Carta pedagógica em Educação Popular: uma reflexão em processo**. Suas palavras foram estimuladas por discussões que vêm sendo desenvolvidas no coletivo do projeto Fazer aula com cartas pedagógicas, no momento do encontro identificado por Pré-Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire. Neste contexto, uma questão se destaca, provocando reflexões na busca de explicações para a pergunta: será que todas as cartas são pedagógicas? Diz que na continuidade dos diálogos, experiências desempenhadas por participantes do coletivo Fazer aula com cartas pedagógicas possibilitou outros questionamentos de maneira a ampliar a análise reflexiva a ser desenvolvida por Isabela Camini: O que faz com que uma carta seja reconhecida enquanto Carta Pedagógica? Será o emprego de citações, ao exemplo dos termos freireanos? Será a condição que formata conotação híbrida entre afeto e razão? Seria a condição de sua aproximação com o espaço escolar, a boniteza na busca do encontro, das situações-limites radicalmente datadas, radicalmente imersas na esperança epistêmica? Nas conotações de crítica, inovação? Será sua conotação teórica, condição atribuída à pesquisa, às práticas extensionistas na maneira de se teorizar a experiência? Como inserir 'cartas



pedagógicas' na pesquisa? Com Isabela Camini a palavra escutada se alonga enquanto palavra codificada, é situada na decodificação que vai elaborando, atribuindo significados de esperança, de compromisso com o social, daí tornando a palavra em expressão de práxis política no em torno da argumentação acerca de carta pedagógica. Dentre os argumentos, a dialogicidade enquanto conotação emancipadora, esperança epistêmica e autonomia vão exprimir a condição de constitutivo da escrita verdadeira, condição indispensável às cartas pedagógicas sob a lógica da práxis transformadora em defesa da humanização do ser humano. Com Isabela Camini escrever carta pedagógica exige atitude cognoscente, pensar antes, escrever na continuidade. Daí a aproximação com a pesquisa, com a atitude crítica, com a sistematização de conhecimentos, o que não significa afastamento da pessoa que escreve de seus sentimentos e emoções. Termina exaltando uma frase pronunciada por Isabela ao referir-se às cartas pedagógicas e a improbabilidade de que sejam escritas por sectários, por pessoas que pretendem impor sua vontade oprimido, desumanizando relações. Diz Isabela, 'os fascistas não escrevem cartas pedagógicas porque eles escrevem opressão'!

Assim, ao finalizar a apresentação, de imediato passamos a ouvir a fala de Adriana Tozzo e Almir Santos com a temática **Conselho político: experiências da educação popular**. Falam de uma experiência de gestão pública condicionada por intenções para compreender a participação popular na construção de um município (Itatiba do Sul) 'melhor para todos'. Isto implica em reflexões orientadas às políticas sociais organizadas para os diversos setores da sociedade, repercutindo na participação, cidadania e diálogo fundamentado por educação popular enquanto teoria libertadora, transformadora. Diálogo que possibilita pensar o papel do Conselho político enquanto espaço público de formação dos conselheiros com a função de avaliar a gestão e deliberar políticas públicas. Narram a trajetória do município desde sua emancipação em 1965 e que até o ano de 2000 foi administrado por grupos políticos de perfil conservador. Contudo, nas décadas de 1980, 90, sob influência da Pastoral da Juventude, de grupos organizados pelo sindicato da agricultura familiar se buscou novo modelo de sociedade, em que os agricultores pudessem participar dos debates para a organização da sociedade de maneira que, em 2000 se criou um governo intitulado Coligação da Frente Popular, a força que vem do povo. Emergem, assim, os canais de participação para discutir o



orçamento participativo. Condição que se prolonga nos governos com força popular por seis mandatos. Neste movimento político de participação e deliberação sobre o orçamento participativo, no ano de 2011, os conselheiros atuam aprofundando as ações no sentido de criar espaço para a formação em dimensão da educação popular no sentido da compreensão dos valores, princípios de uma gestão pública, de conhecer o orçamento fortalecendo as ações de participação popular constituindo os espaços de cidadania. É deste processo que, em 2012, nasce o Conselho político do município elege-se para a prefeitura uma mulher, a primeira a assumir o cargo de prefeita. A pesquisa que vão realizar ganha corpo a partir da intenção de compreender a participação da mulher em espaço de gestão pública. Analisar os tipos de participação, os diálogos políticos de influência popular de maneira a compreender se este espaço do conselho político se constitui em espaço de educação popular. Que tipo de processos ele potencializa no sentido de ser indutor de uma política participativa dentro da gestão local.

O quarto trabalho apresentado traz a conotação de inédito viável formatado na pedagogia do oprimido e da esperança, é assim que Ana Paula Grellert em parceria com Léia Beatriz Sell e Aline Accorssi apresentam o trabalho (resumo expandido) **O inédito viável freiriano: uma leitura desde a pedagogia do oprimido e da pedagogia da esperança**. Trabalho elaborado a partir da disciplina desenvolvida pela Professora Aline Accorssi em curso de pós-graduação no ano do Centenário de Paulo Freire. Disciplina que possibilitou discussões acerca da teoria em educação popular em Paulo Freire. Trazem para a reflexão o significado de 'inédito viável' a partir da leitura da pedagogia do oprimido e da pedagogia da esperança. A pesquisa atende por uma conotação de pesquisa bibliográfica, sob a dimensão da metodologia filosófica como uma condição de abordagem de conceitos extraídos. Partem da compreensão de que Paulo Freire sistematizou uma concepção de educação, de educação popular, motivo com o qual assumem a intenção de lidar com a conotação de totalidade, condição com que adentram nas obras mediadas por um "todo complexo e de sua relação de uma parte com o todo e na dinamicidade da realidade" situada pela pergunta: o que de fato é o inédito viável freireano? Das leituras feitas entendem que o inédito viável é assim uma possibilidade ainda inédita e que não ocorre a não ser que se supere as 'situações limites' que



as realidades impõem. Tal situação implica em práxis, em assumir a condição de ação-reflexão que remete a busca da emancipação, da superação da dicotomia opressor-oprimido enquanto práxis revolucionárias. Ao mesmo tempo em que diz da esperança, dos sonhos mediados pela prática de maneira a se tornar concretude histórica.

Na continuidade das apresentações, Gisele Moura Kowalski Ferreira, Gracilene dos Santos e Lisiane Costa Claro nos contemplam com a carta pedagógica de título **O grupo de pesquisa em história educação e artes - GEPHEA como espaço formativo**. Carta escrita por pessoas em espaços geográficos diferentes, Gisele no extremo Sul do País e a Gracilene no Norte de Tocantins, com temperaturas completamente diferentes, juntas nas atividades do GEPHEA com vínculo na UFT, que se encontra em transição para a Universidade Federal ao Norte de Tocantins (UFNT), no campus de Tocantinópolis. Assim, o GEPHEA é uma ponte que liga pessoas, lugares com propostas formativas, com o objetivo de produzir conhecimentos por meio de pesquisas nas áreas de história, educação e artes, desenvolvendo diálogos entre saberes. É Grupo constituído por estudantes da graduação e pós-graduação em contato com a sociedade, possibilitando olhar as diferentes realidades de povos populares, povos tradicionais, populações historicamente oprimidas e grupos sociais variados, por meio de ações realizadas no contexto de cinco linhas de pesquisa, produzindo conhecimentos a partir da História Oral, a Memória e ao Patrimônio; Educação Popular, Ambiental e do Campo; Estudos de gênero; Linguagens artísticas, e o Ensino e Tecnologias sociais. Com a pandemia os encontros de estudos passaram a se dá em formato remoto, se utilizando do *Meet*, o que tem agregado pessoas de outros espaços, de diferentes regiões do País, facilitando o acesso, contribuindo com aprendizagens na diversidade de temáticas. Sua relevância se dá na possibilidade de proporcionar pesquisas mais humanizadas, mais comprometida com as práticas transformadoras, com o ser humano e ações mais solidárias. Ações desenvolvidas no 'ateliê pedagógico' estimulando a escrita, em processo formativo, repensando a formação inicial a partir de leituras e propostas didático-pedagógicas vivenciadas, rompendo com valores das práticas de reprodução imposta.

A penúltima apresentação da manhã foi dedicada ao contexto do estudo orientado aos pré-universitários. Sobre este tema, Cristiane Garcez Noronha Duttel e Celso IlgoHenz



conversam conosco discorrendo acerca do título **Pré-universitário práxis: cooperação, resistência e emancipação**. Trabalho-resumo versa acerca da pesquisa de doutoramento que vem sendo realizada na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,RS), intitulada “Construindo Outros Mundos Possíveis: projeto popular pré-universitário sob o olhar da pesquisa-auto(trans)formação”. Pesquisa desenvolvida no interior do Grupo Diálogos situada por reflexões no contexto da concepção de pesquisa-auto(trans)formação em que se evidenciam ações nos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos no âmbito do Práxis Coletivo Pré-universitário de Santa Maria. Com a pesquisa pretendem pensar a autogestão participativa mediada por argumentos ‘da emancipação e humanização de jovens e adolescentes das camadas populares ou em situação de vulnerabilidade social’. É pesquisa situada por elementos epistemológicos da educação das camadas populares, com o propósito de ‘(re)significação de suas práxis pedagógicas e suas contribuições com os processos de auto(trans)formação dos(as) sujeitos participantes/coautores(as)’, estimulando estudantes, em círculos dialógicos, “dizer a sua palavra”, compartilhar suas narrativas, angústias e alegrias, afirmam Cristiane e Celso.

Por último, Fernanda dos Santos Paulo que, neste Eixo 1, Paulo Freire: Educação Popular acumulou a função de mediadora de todos(as) nós, assume o lugar da apresentadora do trabalho **Breve recuperação histórica dos movimentos sociais populares: o lugar da educação popular**, escrito sob a condição de resumo. Evidencia preocupação com o lugar que a Educação Popular ocupa no contexto dos Movimentos Sociais. Impulsionada pela curiosidade crítica busca recuperar o lugar da Educação Popular a partir de reflexões de leituras e interpretações organizadas com a revisão bibliográfica. Apresenta referenciais teóricos dedicados ao debate acerca dos movimentos sociais, situada na obra *Teorias dos Movimentos Sociais - Paradigmas clássicos e contemporâneos* de Maria da Glória Gohn, nos livros de Paulo Freire como o *Pedagogia do oprimido*, de Rosa Luxemburgo, com a obra *Reforma ou revolução?* e suas pesquisas no mestrado e doutorado. Problematisa as concepções de Movimento Social, Movimento Social Popular, Movimento Social Identitários, Movimentos com demandas pontuais e redes sociais enquanto movimentos. Nesse diálogo, apresenta a vertente sociológica e influências desses movimentos, a saber: italiana (Alberto



Melucci), francesa (Alain Touraine) e alemã (Claus Offe); isto é, os novos movimentos sociais se orientam de uma pluralidade de paradigmas. Por fim, com base no pensamento freiriano, enfatiza que a luta pela humanização marca o lugar que ocupa a Educação Popular libertadora nos Movimentos Sociais, sendo este uma ameaça para os opressores porque buscam dividir e fragmentar os oprimidos, desejando nos afastar das verdadeiras razões da desumanização.

Pelo momento, com nossa carta relatório, passamos a formatar nossa síntese no conjunto das apresentações as autoras e autores discorreram temas orientados à educação popular ora sob a formatação de resumo, ora de carta pedagógica. Em cada uma das 7 (sete) produções foi possível perceber que se referem ao contexto acadêmico-científico dedicadas, predominantemente, à formação continuada, às pesquisas em processo. Das produções, uma foi condicionada ao debate constitutivo acerca das 'cartas pedagógicas' enquanto gênero textual orientado ao fazer aula.

No transcorrer desta manhã do dia 20 de maio desenvolvemos reflexões influenciadas, predominantemente, por conotações extraídas da obra de Paulo Freire, o que assinala a condição de pertencimento no âmbito do XXIII Fórum de estudos: leituras de Paulo Freire, nesta edição provocados(as) aos diálogos sobre 'sistema Paulo Freire da educação básica à educação superior'.

Nosso andarilhar se constituiu evidenciando a conotação dialética delimitada por Paulo Freire por singularidade na pluralidade. Falamos com escuta atenta ao tempo em que ouvimos pronunciando expressões de aproximações aos nossos vários temas, como condição geradorados nossos inéditos viáveis. Assim, temas-palavras geradoras foram ganhando movimento cognoscente confirmando a relevância de Paulo Freire, de sua obra para o fortalecimento de práxis libertadora, para a luta por uma sociedade mais aberta, conectada por experiências em processo de 'superação da inexperiência democrática', como escreveu Paul Freire.

Nossos temas se misturam na aventura da rigorosidade metódica necessária ao processo de formação de pessoas, à produção de conhecimentos situados pelo olhar atento, crítico de quem ousa, corajosamente, dialogar na contradição respeitosa, radical. Daí que exploramos conotações teórico-epistemológicas de maneira a questionarmos o lugar da



educação popular entre espaços formais e não formais de práticas pedagógicas. Buscamos argumentos para explicar cartas pedagógicas integradas à educação popular freireana. Nos identificamos com o diálogo em que evidencia o trabalho da Mulher na gestão pública, formatando participação popular enquanto constitutivo ativo à práxis política deliberativa de conselheiros na gestão pública com orçamento participativo. Na sequência, inédito viável, espaços formativos, círculos dialógicos, emancipação e movimentos sociais vão nos provocar a pensar, duvidar, pesquisar, a agirmos situados(as) por valores da práxis em educação popular com e a partir de Paulo Freire.

Juntos, integrados pelo desejo coletivo de muitos outros momentos com este, momentos que nos fortalecem ao nos identificamos com projeto políticos de sociedade verdadeiramente justa, plural em defesa da democracia, da 'participação ativa do povo na vida pública', como escreveu Paulo Freire (1959) em *Educação e atualidade brasileira*, nos despedimos com afetuoso abraço ao coletivo.

